



[Home](#) [Índice](#)

SOBRE A AMIZADE

Ângela Zamora Cilento

Professora do Curso de Filosofia - Mackenzie

Às amigas de sempre e de hoje

O fator de maior encantamento em se fazer filosofia reside exatamente na possibilidade de abarcar todo e qualquer assunto, sem que tenhamos que proferir juízos de valor: “ah, este tema é mais importante do que outro.” Todos são importantes, embora a famosa ‘fogueira das vaidades’ eleja sempre alguns para inflamar o ego de seus comentadores. Na verdade, certos temas têm caído em descrédito. Estava no semestre passado preparando um curso sobre a Felicidade. Por recomendação, comecei a ler um livro, por sinal instigante, de Julián Marías – A Felicidade Humana, e logo nas primeiras páginas, diz:

“Preocupa-me uma situação no pensamento de nosso tempo, e se poderia chamar as ‘grandes ausências’. Quero dizer que há certas questões que se evitam sistematicamente, e que costumam ser das mais importantes. Anos atrás surpreendi-me ao notar que em uma excelente e extensa enciclopédia não constava o artigo ‘amor’ (...) Ocorre algo parecido com outros temas capitais: pessoa, vida humana, liberdade, morte (morte pessoal, porque da biológica se faz menção). Isto dá muito o que pensar. Por que se evitam as questões sobre as quais seria mais necessário orientar-se, acerca das quais seria tão urgente saber a que se ater? (MARIAS:1989, p.9/10)

A mesma pergunta de Mariás pode também ser a nossa. Falar de amor e de amizade pode talvez não exigir a mesma demanda intelectual de outras áridas áreas da filosofia, mas nos dizem respeito diretamente. Assim, depois desta justificativa, permitam-me refletir em primeira pessoa. Afinal, não há como escrever sobre a amizade, sem que recorra de alguma maneira às minhas próprias vivências e mais, sem que enalteça minhas verdadeiras amizades – novas ou velhas, com pouca ou muita freqüentação, (nas palavras de Montaigne), mas com o mesmo carinho e respeito que dedico a todas elas.

Sou uma pessoa que conhece muita gente. Todo semestre devo ter por volta de 600 novos alunos em média. Entretanto, tenho poucos amigos (mas isto não significa que não esteja aberta) e para cada um deles, dedico, sem nomeá-los uma parte deste texto.

“Há amigos que são mais queridos do que um irmão”. Este versículo bíblico revela a grande verdade. Embora Aristóteles diga que:

“os irmãos se amam por terem nascido dos mesmos pais, pois sua identidade com os pais os torna idênticos entre si (é por isto que se fala em ‘ser do mesmo sangue’, ‘da mesma cepa’, etc). Os irmãos são portanto de certo modo o mesmo ser, embora em indivíduos separados.” (ARISTÓTELES, 2001, p.167)

Mas nós não os escolhemos. Certamente, eles podem e se tornam à medida de nosso envelhecimento, nossos grandes companheiros, são grandes e inestimáveis presentes da vida. Mas, diferentemente, são os amigos – entre eles, há o que Goethe chama de afinidade eletiva. Nela, as almas se buscam e se encontram, procuram fundir-se na ânsia daquela unidade perdida.

Ora, tal idéia nos faz lembrar Platão no Banquete, na fala de Aristófanes:

“Outrora, realmente, nossa constituição não é a mesma de hoje, mas diferente. Em primeiro lugar, os sexos eram três, não dois como hoje, masculino e feminino; havia ainda um terceiro, que participava de ambos aqueles; o nome conservou-se até

hoje, embora o sexo mesmo tenha desaparecido; existia, naquele tempo, um que era andrógino; participava, assim no aspecto como no nome, de ambos os sexos, macho e fêmea; hoje não existe senão como um nome insultuoso. Em segundo lugar, a figura de cada homem estava inteira, sendo as costas redondas e as costelas em círculos; tinham quatro mãos e pernas em igual número ao de mãos, sobre o pescoço bem redondo, dois rostos, em tudo iguais, mas o crânio, sobre os dois rostos estavam colocados um ao contrário do outro, era um só (...) Eram, por conseguinte, dotados duma força e duma robustez formidáveis, inflados dum orgulho imenso; atreveram-se contra os deuses (...) Depois de muito excogitar, Zeus disse: -Acho que descobri um jeito de existir a humanidade, mas de deixar de insubordinações: enfraquecê-la. Por ora – disse – vou cortar cada um deles em dois; serão, ao mesmo tempo, mais fracos e mais proveitosos para nós, por aumentarem em número. Hão de andar eretos, sobre duas pernas (...) Dito isto, fendeu os homens em dois. (...) Ora, fendido em dois, cada metade sentia saudade da outra e juntavam-se; envolvendo-se com os braços e enlaçados uns nos outros, no desejo de unificar-se iam morrendo de inanição e da completa desídia (...) Condoído, Zeus atinou um novo artifício ; passou-lhes as pudendas para o lado da frente (...). A intenção era esta: se, naquela juntada, (...) da união resultaria ao menos satisfação e, aquietados, se entregariam ao trabalho, cuidariam dos outros interesses da vida. Data de tão longe, na espécie humana, o amor recíproco, o restaurador do físico primitivo, que procura de dois compor um e curar a natureza do homem. Cada um de nós, portanto, é uma meia-senha humana, um ser fendido, como os solhos, um feito em dois, cada qual sempre em demanda da meia-senha correspondente.” (PLATÃO, 1998, p.61)

Talvez, esta passagem nos ilustre muito mais do que podemos supor. Ela não se atém apenas a questão do amor como tradicionalmente fazem. Podemos também atrelá-la à questão da amizade. Talvez possamos inferir que, já que não há mais a possibilidade de um encontro perfeito, onde cada metade se encaixe perfeitamente na outra, como num quebra-cabeça de vidro de duas peças, mas que, devido à complexidade da vida e da nossa própria condição e realidade, ele tenha se esfacelado em mil partes. Nossa tentativa, ainda que, inconscientemente, consiste em recompor o máximo possível as peças que nos completem. No encontro com

cada amigo, coisas diferentes acontecem, cada um nos transporta para um sentimento de um matiz especial, sem que nenhum deixe de ser aquilo que denominamos amizade.

Séculos mais tarde, Freud, enquanto teórico da cultura em *Mal-estar da Civilização*, dentre os múltiplos problemas por ele apontados, nos explicita a nossa questão. No capítulo IV, o pai da psicanálise nos fornece os dois elementos propulsores da vida comunitária: a necessidade (Ananke) e o amor (Eros), sendo que o primeiro refere-se ao suprimento das carências cotidianas, a compulsão pelo trabalho e o segundo, o amor que deve ser reconhecido como um dos fundamentos da civilização e neste momento, Freud opera uma digressão – para ele, no início o que há é o amor sexual (genital) que “lhe proporcionava as mais intensas experiências de satisfação, fornecendo-lhe, na realidade o protótipo de toda felicidade, deve-lhe ter-lhe sugerido que continuasse a buscar a satisfação da felicidade em sua vida seguindo o caminho das relações sexuais e que tornasse o erotismo genital o ponto central dessa mesma vida.” (FREUD:1978, p.159)

Ora, esta satisfação tornou-o dependente dela, pois o sofrimento atroz era praticamente inevitável, já que o seu objeto de desejo, poderia não ser correspondido. Assim, a humanidade precisou de grandes alterações mentais quanto à função do amor, deslocando seus sentimentos, protegendo-se contra as perdas, ampliando – não mais para objetos isolados, mas para todos os homens - assim puderam evitar “as incertezas e as decepções do amor genital, desviando-se de seus objetivos sexuais e transformando o instinto num impulso com uma *finalidade inibida*.” (FREUD:1978, p.160). Freud continua:

“o amor que fundou a família, continua a operar na civilização, tanto em sua forma original direta (...) quanto em sua forma modificada, como afeição inibida em sua finalidade. Em cada uma delas, continua a realizar sua função de reunir consideráveis quantidades de pessoas, de um modo mais intensivo do que o que pode ser efetuado através do interesse pelo trabalho em comum. (...) O amor com uma finalidade inibida foi de fato, originalmente, amor plenamente sensual, e ainda o é, no inconsciente do homem. Ambos – o amor plenamente sensual e o amor inibido em sua finalidade – estendem-se exteriormente à família e criam novos vínculos com

peças anteriormente estranhas. O amor genital conduz à formação de novas famílias e o amor inibido em sua finalidade, a 'amizades' que se tornam valiosas, de um ponto de vista cultural, por fugirem a algumas das limitações do amor genital, como por exemplo, à sua exclusividade." (FREUD:1978, p. 161)

Freud ainda atenta para a questão da linguagem – a palavra amor está direcionada para vários vínculos afetivos – para o amor entre homem e mulher, na afeição entre pais e filhos, irmãs e irmãos, etc... - que não esconde sua verdadeira origem. De fato, todos estes laços têm sua origem em Eros, mas sofreram uma inibição. Tal movimento: o de inibição foi qualitativo para a vida do homem. A amizade não se confunde com o amor, embora tenham tido a mesma origem, enquanto força de união entre as pessoas, o amor implica necessariamente em excitação, gozo e em desejo, e de alguma forma, não escolhemos por quem nos apaixonamos, enquanto na amizade prevalece o caráter seletivo, pois escolhemos nossos amigos de acordo com nossas afinidades. Embora, cá pra nós, às vezes não conseguimos definir muito bem o que sentimos por algumas pessoas, elas se encontram no limiar...

Em primeiro lugar, quais seriam os atributos necessários para cultivar uma amizade? Segundo Abbagnano, para tanto, será preciso: cuidado, solicitude e piedade. Já que a amizade deriva do amor, mas não se confunde com ele, devemos tratar nosso amigo como tratamos a nós próprios. "O amigo se comporta em relação ao amigo como em relação a si mesmo." (ARISTÓTELES:2001,p.168). Devemos tratá-los não só com o devido respeito, mas antes de tudo, nos cabe cuidar deles, e um dos fatores de nossa felicidade será o de fazê-los felizes.

Conta-nos Montaigne em seu Ensaio, o apogeu deste cuidado cultivado na verdadeira amizade:

"o corintiano Eudâmidas tinha dois amigos: Charixênio de Lición e Areteu de Corinto. Era pobre e eles ricos. Às vésperas de morrer, assim redigiu seu testamento: 'Lego a Areteu o cuidado de tomar conta de minha mãe e suprir-lhe as necessidades durante a velhice; a Charixênio a obrigação de desposar minha filha e constituir-lhe um dote tão elevado quanto possível. No caso em que um deles venha a morrer, lego

sua parte ao outro.' Os primeiros que viram o testamento muito caçoaram dele, mas os herdeiros o aceitaram com uma alegria espantosa. Vindo a falecer Charixênio cinco dias depois, Areteu substituiu-o na parte que lhe cabia e tratou cuidadosamente do sustento da mãe; e, elevando-se no seu patrimônio a cinco talentos, deu dois e meio à sua própria filha, que era filha única, e dois e meio de dote à filha de Eudâmidas. E as casou ambas no mesmo dia." (MONTAIGNE:1991, p. 93)

Esta história é incrível, porque nos faz pensar!! Eudâmidas faz um testamento – diferente de todos os demais, ele não doa bens materiais, como qualquer outro testamento comum, mas doa seus bens mais preciosos e com eles, a incumbência de cada tarefa para cada amigo. Eudâmidas cuida da família – mãe e filha, e delega este cuidado para os amigos na impossibilidade de fazê-lo. Os amigos, por sua vez, por amarem-no, querem fazê-lo feliz e aceitam realizar seus desejos. Convenhamos que não são tarefas fáceis de serem realizadas, principalmente, se as transpusermos para o nosso cotidiano.

Os amigos agem com justiça e equidade: Areteu dividiu igualmente o dote, adotando como sua filha a de Eudâmidas, realiza a mesma festa para ambas. E o mais interessante de tudo, os amigos verdadeiros amam-se tanto, que se os papéis fossem invertidos, o resultado seria o mesmo. Este seria o melhor exemplo de cuidado que eu poderia selecionar. O amigo verdadeiro quer o bem e a felicidade do outro tanto quanto à sua e faz o que pode para proporcioná-la.

Acho que para chegarmos a este nível de amizade, será preciso praticamente escrever uma ode. Mas os amigos antigos, talvez, sejam aqueles que mais se aproximam deste grau de elevação. Sim, aqueles da nossa infância ou adolescência. Mantê-los é mais do que um privilégio, é uma honra. São alicerces sólidos, e ficaram assim, com o tempo. Não importa a distância ou a ausência de freqüentação constante. Estes fatores são anulados completamente depois da primeira meia-hora, quando o passado tão pleno de emoções – dores e aventuras, vivências partilhadas, reatam os laços de cumplicidade. Vários pensadores, inclusive Aristóteles e Sêneca afirmam que um dos fatores de felicidade é a recordação.

Ora, há tantas delas no reencontro com os amigos antigos! Histórias que nos fazem sorrir e chorar: é como se o passado ganhasse vida diante de nossos olhos e pudéssemos transportar-nos no tempo. E, para isso não há preço. E mais, por mais que mudemos, por mais que a vida nos imponha caminhos diferentes, eles são a nossa referência – eles nos dizem quem somos. São os fios de nossa trama pessoal. Com eles, não há como esconder muitos segredos, porque nos conhecem. Sabem de nossos trejeitos, conhecem nossos enfeites e disfarces, percebem nossas omissões e ocultamentos.

Estes bons e velhos amigos não têm medo de dizer a verdade sobre nós, sobre o que fazemos e para onde estamos indo. São detentores de uma autoridade conseguida a alto preço. Talvez, nos poupem algumas vezes de suas palavras ríspidas e duras, porém isto não significa que aquilo que diriam não seja verdadeiro. Talvez, digam – alguns de modo mais brando, outros não. Uns esperariam o momento mais oportuno, outros, não. Também não importa. O que importa, para este momento, é que se assim são, é porque nos amam e nos querem bem. São nossos amigos porque, acima de tudo, nos amam como somos. Não esperam nada diferente, não desejam que sejamos um outro. Pelo contrário, porque nos conhecem, nos amam e os laços de amizade permanecem porque, pela idéia de afinidades eletivas, se buscam. Os amigos se parecem – são semelhantes.

Os amigos novos também nos fazem felizes, pois nos colocamos como egiptólogos a decifrar os enigmas daquelas tão interessantes pessoas que nos atraíram... Cada uma terá algo novo a dizer sobre nós, sobre a vida. Talvez tragam opiniões discordantes, e um estilo de vida diferente do nosso. Então, temos muito o quê aprender com eles. O que os fará ficar em nossa companhia, serão as coisas em comum – quanto mais coisas, maior será o laço afetivo que ganhará densidade com o tempo. Nossos velhos amigos, também foram novos.

Montaigne nos adverte, assim como Platão e no início deste texto, que as amizades (comuns), porque a que ele sentia por La Boétie era única e especial, podem ser divididas: “Pode-se apreciar a beleza em certo amigo, e noutro o bom gênio. Num a liberalidade, noutro o modo por que se conduz como pai, e em outro ainda sua afeição fraternal, etc.” (MONTAIGNE:1991, p.93)

Podemos acrescentar que esta divisão realmente acontece, e podemos elencar outras possibilidades, é importante ressaltar que embora tenha tentado classificar os matizes de uma amizade, estes são concorrentes, não excludentes. Uma pessoa pode ter mais de um atributo, o que a torna especialmente imprescindível para nossa sanidade.

Por detrás de um olhar carinhoso, alguns amigos detêm uma chave poderosa – aquela que abre a porta do nosso coração. Suas palavras, entoadas de uma certa maneira, são mágicas. Seus ouvidos sempre atentos formam um conjunto inigualável, só eles guardam as taças onde desaguamos nossas lágrimas. Ah! Como estas pessoas são raras! Como é precioso o dom de ouvir! Com estes nos confidenciamos sem temor. Neste caso, o tempo de amizade não importa, parece-nos que desde sempre os conhecemos. Sua figura inspira tanta confiança em nós, que não há como não sermos transparentes. É claro que às vezes nos enganamos, mas creio que isto faz parte.

Em outros ainda: energia e carisma, presenças químicas que operam uma transmutação. Sua simples presença nos traz alegria, sorrisos e risos. São fontes de recomeço, aliviam nossa dor e nosso cansaço, tornam o pesado em leve, libertam-nos do “anão da gravidade”, que nos puxa sempre para baixo.

Noutros ainda, admiramos seu talento, sua visão prática da vida (que às vezes me falta), sua vontade de viver e de lutar, apesar das dificuldades, na luta contra as mazelas e as doenças. Em alguns, a virtude por excelência: são éticos a qualquer prova, em mais alguns, o cuidado de si, ou a excelência profissional. Sei que na somatória de todos eles, encontro um pouco de mim. Eu os carrego comigo, sou um pouco de todos eles, e por isso os amo ainda mais.

Depois, do cuidado, a solicitude – como no exemplo de Eudâminas, - estamos sempre prontos a ajudar, mesmo que isto requeira abrir mão de certos desejos e vontades, a fim de beneficiar o próximo. Damos, não aquilo que não nos custa nada, muitas vezes, para além da questão material, chegamos até a abrir mão do nosso

próprio tempo e dos compromissos, (já que hoje em dia é tão corrido), para estarmos imprescindivelmente com o outro, naquele dia de aflição.

Vale lembrar que somos seres temporais. Somos um tempo que nos resta e como tal, ocorre de vez em quando inevitáveis perguntas: Como, com quem e fazendo o quê, gastaremos este tempo? Deixando, neste momento, a primeira e a última pergunta, resta-nos o Com quem. De que adiantam os bens e o poder sem amigos para desfrutar?

Solicitude significa dedicação. Dedicar-se a alguém implica em cativá-lo, trazê-lo preso a si. Pequenas lembranças: um telefonema, uma carta, um e-mail, alguns agradecimentos, adoçam o coração. Às vezes, menosprezamos estes cuidados, fragilizando os laços.

E, por fim, a piedade. Aqui não é possível deixar de mencionar Rousseau, nas palavras de Levi-Strauss que traduzem o verdadeiro significado do termo, além da compreensão de nossa verdadeira condição humana. Levi-Strauss faz um discurso em Genebra em 1962, por ocasião do 250º do nascimento de Rousseau. Nele, exalta as qualidades do pensador e de suas aproximações com a etnologia. Coloca-o como seu fundador.

Após várias considerações, o autor levanta a faculdade da piedade. Não é pois possível “escamotear a evidência de que o homem é um ser vivo e sofredor, semelhante a todos os outros seres antes de distinguir-se deles por critérios subordinados, quem nos ensinou isto senão Rousseau?” (LEVI-STRAUSS:1993,p. 50).

A piedade é uma faculdade de ‘deslocamento’, conseguimos, ainda que por alguns momentos nos colocar no lugar do outro, daquele que sofre. Ora, é fora da nossa condição humana, uma vida repleta apenas de alegria. Certo é, que alguns sofrem mais, outros menos (e alguns demais). Como a vida é completamente imprevisível, não podemos ter a pretensão de que a dor do outro também não venha a ser a nossa.

“É a piedade, proveniente da identificação com um outro que não é, só, um parente, um próximo, um compatriota, mas um homem qualquer, a partir mesmo do fato de que é homem; mais ainda um ser vivo qualquer, a partir do fato mesmo de que está vivo. O homem começa portanto a experimentar-se idêntico a todos os seus semelhantes” (LEVI-STRAUSS:1993, p.46)

Mais adiante, continua Levi-Strauss:

“Fundamento este, que Rousseau percebe, no homem, como uma ‘repugnância inata por ver sofrer um semelhante’ (*Discours*); mas cuja descoberta obriga a ver um semelhante em todo ser exposto ao sofrimento e possuidor, por isso, de um direito imprescritível à comiseração. Porque, para cada um de nós, a única esperança de não ser tratado como *besta* por seus semelhantes, é de que todos os seus semelhantes, e ele o primeiro, se sintam imediatamente como seres que sofrem e cultivem, em seu foro íntimo, esta aptidão para a piedade.” (LEVI-STRAUSS:1993,p.49)

Se a piedade extrapola a condição de amizade, posto que se dirige a todos os homens, na amizade a que nos referimos até agora, pode trazer a compreensão necessária para os erros do outro, para suas ambições, para suas paixões possibilitando o perdão que reata os laços estremecidos.

Certamente, estamos longe de encerrar a questão, mas Aristóteles tem toda razão quando fala da felicidade. Não há como ser feliz sem amigos. “Você pode dar uma festa sem dinheiro. Mas não sem amigos.” (**)

Sem eles, a rotina esmaga, o fígado não ‘desopila’, a gente se entristece. Sem eles, a vida não é completa. Não há como viver sozinho, somos sociáveis, embora muitos homens insistam em tratar os outros como objeto ou minimizando a importância de ter um amigo, o filósofo, sempre alerta, procura adverti-los para que não caiam na sua própria armadilha – a de se tornarem objeto para um outro. Temas

tão relevantes quanto este, como adverte Mariás, poderiam ter um espaço maior de discussão, afinal, o que é a vida, senão finitude?

(*) Mestre em Filosofia pela PUC-SP, e professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie nos cursos de Filosofia, Administração, Comércio Exterior, com orientações no curso de Psicologia.

(**) Campanha publicitária do City Bank nos outdoors da Av. Paulista.(SP)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABBAGANANO, N – DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. São Paulo, Mestre Jou, 1982.

ARISTÓTELES – ÉTICA A NICÔMACOS. Brasília, UNB, 2001. 4ª Ed.

FREUD, S – MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO. São Paulo, Ed. Abril Cultural, Col. Os Pensadores, 1978.

LEVI-STRAUSS, C – ‘Jean Jacques Rousseau, fundador das ciências do Homem’ in ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL II. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1993.

MARÍAS, JULIÁN – A FELICIDADE HUMANA. São Paulo, Duas Cidades, 1989.

MONTAIGNE, M – “Da Amizade” in ENSAIOS. São Paulo. Ed. Abril Cultural. Col. Os Pensadores, 1991

PLATÃO – DIALÓGOS. São Paulo, Ed. Cultrix, 1988.